

## QUE DIFERENÇA FAZ?

Wilbur N. Pickering, ThM PhD

Por pelo menos 200 anos tem sido comumente argumentado que, não importa qual o texto grego que se use, nenhuma doutrina será afetada.<sup>1</sup> Na minha própria experiência, por mais de 30 anos, quando tenho levantado a questão de qual é o texto grego correto do Novo Testamento, a resposta mais comum, seja qual for o auditório, tem sido: “Que diferença faz?” O propósito deste artigo é responder essa pergunta, pelo menos em parte.

O texto grego eclético atualmente em voga, N-A<sup>26</sup>/UBS<sup>3</sup> [doravante NU], representa o tipo de texto sobre o qual a maioria das versões modernas se baseia.<sup>2</sup> A KJV e a NKJV (e a Fiel) seguem um tipo de texto bastante diferente, um primo próximo do Texto Majoritário.<sup>3</sup> A discrepância entre o texto NU e o Texto Majoritário envolve em torno de 8% das palavras. Em um texto grego com 600 páginas, isto equivaleria a 48 páginas inteiras formadas somente de discrepâncias! Cerca de um quinto desse montante reflete omissões no Texto Eclético, de modo que este é umas dez páginas mais curto que o Texto Majoritário. Mesmo se admitirmos, para efeito de raciocínio, que até metade das diferenças entre os textos Majoritário e Eclético possam ser chamadas de “sem maiores conseqüências”, isto ainda deixaria o equivalente a aproximadamente 25 páginas formadas somente por diferenças que são significativas (em graus variados). A despeito dessas diferenças, é normalmente imaginado que nenhuma doutrina cristã cardeal é realmente posta em perigo (embora algumas, tais como as do julgamento eterno, da ascensão e da divindade de Cristo, são enfraquecidas). **No entanto**, a mais básica de todas, a doutrina da divina inspiração do texto, está realmente sob ataque.

O Texto Eclético incorpora erros de fato e contradições tais que qualquer afirmação que o Novo Testamento é divinamente inspirado torna-se relativa, e a doutrina da inerrância se torna virtualmente indefensável. Se a autoridade do Novo Testamento é solapada, todos os seus ensinamentos são semelhantemente afetados. Por mais de um século, a credibilidade do texto do Novo Testamento tem sido minada, e esta crise de credibilidade tem sido imposta à atenção dos leigos pelas versões modernas, que colocam partes do texto entre colchetes e têm numerosas notas de rodapé de um tipo tal que levantam dúvidas sobre a integridade do Texto.

As conseqüências de tudo isto para o futuro da Igreja são sérias e de longo alcance. Parece irrazoável que indivíduos e organizações que professam defender um alto conceito da Escritura, que defendem sua inspiração plenária e verbal, e a inerrância dos Autógrafos, venham abraçar um texto grego que efetivamente solapa suas crenças.<sup>4</sup> Dado que a sinceridade desses indivíduos e organizações é evidente, havemos de concluir que estão mal informados, ou que não têm realmente atentado para as evidências e analisado as implicações. Por isso, irei agora expor algumas dessas evidências e discutir as implicações. Quero enfatizar que não estou atacando a sinceridade pessoal ou a ortodoxia

<sup>1</sup> John Bengel, um crítico textual que morreu em 1752, tem sido considerado como sendo o primeiro que propôs este argumento.

<sup>2</sup> *Novum Testamentum Graece*, Stuttgart: Deutsche Bibelstiftung, 26th ed., 1979. *The Greek New Testament*, New York: United Bible Societies, 3rd ed., 1975. Os textos dessas duas edições são virtualmente idênticos, tendo sido elaborados pelos mesmos cinco editores: Kurt Aland, Matthew Black, Carlo Martini, Bruce Metzger e Allen Wikgren. A maioria das versões modernas realmente se baseia no texto Nestle “antigo”, o qual difere da 26ª edição em mais de 700 locais. UBS<sup>4</sup> e N-A<sup>27</sup> não oferecem mudanças no texto, mas sim no aparato crítico. Segue-se que o texto foi estabelecido pelos cinco editores anteriores, não os atuais (Matthew Black e Allen Wikgren foram substituídos por Bárbara Aland [esposa de Kurt, mas agora viúva] e Johannes Karavidopoulos).

<sup>3</sup> *The Greek New Testament According to the Majority Text*, Nashville: Thomas Nelson Publishers, 2nd ed., 1985. Este texto foi editado por Zane C. Hodges e Arthur L. Farstad. Muito parecido com ele é *The New Testament in the Original Greek: Byzantine Text-form 2005*, Southborough, MA: Chilton Book Publishing, 2005. Este texto foi editado por Maurice A. Robinson e William G. Pierpont. Diferem algo do *Textus Receptus* sobre o qual a KJV e a NKJV (e a Fiel) são baseadas.

<sup>4</sup> Durante muitos anos tem sido comumente afirmado que nenhum par de manuscritos gregos conhecidos está em perfeita concordância (porém, no que diz respeito a Gálatas, Efésios, Colossenses, 1 & 2 Tessalonicenses, Tito, Filemon, Tiago, 1 & 2 Pedro, 1, 2 & 3 João e Judas, eu tenho cópias de pelo menos dois manuscritos idênticos; mas não os mesmos para cada livro). Em conseqüência, reivindicações de inerrância são normalmente limitadas aos Autógrafos (os próprios documentos originais realmente escritos pelos seus autores humanos), ou à exata redação neles contida. Uma vez que nenhum Autógrafo do NT existe hoje (eles provavelmente se gastaram totalmente dentro de uns poucos anos, pelo uso intenso), temos que apelar para as cópias em existência, em qualquer esforço para identificar a redação original.

A teoria de crítica textual, sobre a qual NU se baseiam, pressupõe que a redação original foi “perdida” durante os primeiros séculos e que certeza objetiva quanto a essa redação é agora uma impossibilidade. Uma parte central do debate atual é o argumento que o texto em uso **hoje** não é inerrante—este é um tema recorrente em *The Proceedings of the Conference on Biblical Inerrancy 1987* (Nashville: Broadman Press, 1987), por exemplo.

Estou preparado para oferecer evidência objetiva em apoio à afirmação que a redação original **não** foi “perdida” durante os primeiros séculos. Ademais, defendo a tese de que é realmente possível, com razoável certeza e com base em critérios objetivos, identificarmos a redação original ainda **hoje**.

daqueles que usam o texto eclético; estou sim desafiando as pressuposições que estão por trás deste, e chamando a atenção para as conseqüências, os resultados finais.

Nos exemplos que seguem, a redação do Texto Majoritário vem sempre primeiro e a do texto NU logo depois, seguida por quaisquer outras. Imediatamente abaixo de cada variante está um equivalente literal em português. A cada variante está anexada uma relação do apoio conforme está na minha edição do Texto grego do NT.<sup>1</sup> O conjunto de variantes, com suas respectivas atestações, é seguido por uma discussão das implicações. Primeiro apresentarei erros de fato e contradições, depois anomalias sérias e aberrações.

## Erros De Fato e Contradições

**Lucas 4.44** της Γαλιλαιας—f<sup>35</sup> A,D (94.7%) CP, HF, RP, TR, OC  
[nas sinagogas] da Galiléia

της Ιουδαιας—P<sup>75</sup> κ B,C,Q (4.1%) NU  
[nas sinagogas] da Judéia

των Ιουδαιων—W (0.2%)  
αυτων—(0.5%)

Problema: Jesus estava na Galiléia (e continuou lá), não na Judéia, como o contexto deixa claro.

Discussão: Na passagem paralela (Marcos 1.35-39), todos os textos concordam que Jesus estava na Galiléia. Assim, a NU contradiz a si própria ao trazer Judéia em Lucas 4.44. Bruce Metzger deixa evidente que os editores da NU fizeram isto propositadamente, quando ele explica que a redação deles "é obviamente a mais difícil, e copistas a corrigiram... de acordo com as [passagens] paralelas de Mateus 4.23 e Marcos 1.39."<sup>2</sup> Assim, os editores da UBS introduziram no texto deles uma contradição que é também um erro de fato. Este erro no Texto Eclético é reproduzido pelas LB, NIV, NASB, NEB, RSV, etc. A NRSV acrescenta insulto à injúria: "Assim ele continuou proclamando a mensagem nas sinagogas da Judéia."

**Lucas 23.44** εσκοτισθη—f<sup>35</sup> A,D,Q,W (96.8%) CP, HF, RP, TR  
[o sol] escureceu-se

εκλιποντος—P<sup>75</sup> κ C (0.4%) NU  
[o sol] entrou em eclipse

εκλειποντος—B (0.4%) OC  
εσκοτισθεντος—(0.7%)  
conflações—(1.2%)

Problema: Um eclipse solar é impossível durante a lua cheia. Jesus foi crucificado durante a Páscoa, e a Páscoa sempre é neste quarto da lua (eis aí porque a data da Páscoa varia de ano para ano). A NU introduz um erro científico.

Discussão: O verbo grego *εκλειπω* é bastante comum e tem o significado básico de "falhar" ou "terminar", mas quando usado em respeito ao sol ou à lua, refere-se a um eclipse (a nossa palavra "eclipse" vem daquela raiz grega). Tanto é assim que versões tais como a de Moffatt, a "Twentieth Century", a "Authentic", a de Phillips, a NEB, a "New Berkeley", a NAB e a "Jerusalem", abertamente declaram que o sol entrou em eclipse. Enquanto versões tais como as NASB, TEV e NIV evitam a pala-

<sup>1</sup> Este *Greek New Testament* pode ser copiado livremente de [www.walkinhiscommandments.com](http://www.walkinhiscommandments.com); a última nota de rodapé em Mateus, por exemplo, explica o aparato e os símbolos utilizados.

<sup>2</sup> *A Textual Commentary on the Greek New Testament*, New York: United Bible Societies, 1971, p. 137-38.

vra “eclipse”, o significado normal do Texto Eclético que elas seguem é precisamente “o sol entrando em eclipse.”<sup>1</sup>

**Marcos 6.22** αυτης της Ηρωδιαδος—f<sup>35</sup> A,C,N (96.5%) HF,RP,CP,TR,OC  
[a filha] ela própria de Herodias

αυτου --- Ηρωδιαδος—κ<sup>B</sup>,D (0.4%) NU  
dele [filha] Herodias

--- της Ηρωδιαδος—(1.3%)  
αυτης --- Ηρωδιαδος—W (0.7%)  
αυτου της Ηρωδιαδος—(0.9%)

Problema: O texto da NU, em Marcos 6.22, contradiz o texto da NU em Mateus 14.6.

Discussão: Mateus 14.6 declara que a moça era a filha de Herodias (esta tinha sido esposa de Filipe, mas agora estava vivendo com o irmão dele, Herodes). Aqui a NU faz aquela moça ser a própria filha de Herodes, e chama **a ela** de “Herodias.” Metzger defende a escolha da comissão da NU com estas palavras: “É muito difícil decidir qual redação é a menos insatisfatória” (pag. 89)! (Os editores da NU consideram que a redação original está perdida? Se não, ela também tem que [lhes] ser “insatisfatória”! Mas são aqueles editores realmente competentes para fazer um tal julgamento? E, exatamente o que será que torna ‘insatisfatória’ a redação de 98+% dos manuscritos? Deve ser porque não cria problema.) As versões modernas que normalmente se identificam com o texto da NU aqui o abandonam, exceto a NRSV, que lê “Herodias, a filha dele.”

**1 Coríntios 5.1** ονομαζεται—f<sup>35</sup> (96.8%) HF,RP,OC,TR,CP  
se nomeia

--- —P<sup>46</sup> κ<sup>A</sup>,B,C (3.2%) NU

Problema: É relatado que um homem possuía a esposa do seu pai, um tipo de fornicação tal que nem mesmo os gentios falavam dele. No entanto, o texto da NU afirma que este tipo de incesto nem mesmo existe entre os gentios, uma mentira óbvia. Cada tipo concebível de perversão sexual humana tem existido através de toda a História.

Discussão: Estranhamente, versões evangélicas tais como NIV, NASB, Berkeley e LB propagam este erro. Acho interessante que versões tais como TEV, NEB e “Jerusalém”, embora seguindo o mesmo texto, evitam uma declaração categórica.<sup>2</sup>

**Lucas 3.33** του Αμιναδαβ, του Αραμ—f<sup>35</sup> A(D) [95%] CP,HF,RP,TR,OC  
de Aminadabe de Arão

του Αμιναδαβ, του Αδμιν, του Αρνι—nenhum manuscrito!! NU  
de Aminadabe de Admin de Arni

του Αδμειν, του Αρνει—B  
του Αδαμ, του Αρνι?—syr<sup>s</sup>  
του Αδαμ, του Αδμιν, του Αρνει—κ<sup>A</sup>  
του Αδαμ, του Αδμειν, του Αρνει—cop<sup>sa</sup>  
του Αδμειν, του Αδμιν, του Αρνι—cop<sup>bo</sup>  
του Αμιναδαβ, του Αδμιν, του Αρνει—κ<sup>c</sup>  
του Αμιναδαβ, του αδμιν, του Αρηι—f<sup>13</sup>

<sup>1</sup> Arndt e Gingrich (*A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*. Chicago: University of Chicago Press, 1957, p. 242), referindo-se a esta passagem, dizem: “do sol **escurecer**, talvez **ser eclipsado**.” Suspeita-se que esta assertiva foi planejada especificamente para defender a redação do Texto Eclético. Não nos surpreende ver Metzger rejeitar a redação de 97+% dos MSS como “a variante mais fácil” (p. 182).

<sup>2</sup> O aparato da SBU não dá ao usuário nenhuma pista de que há variação séria neste ponto; em consequência, Metzger também não a dá. É mais provável que ele teria dito que a redação de 96,8% dos MSS é ‘insatisfatória’.

του Αμιναδαβ, του Αδμη, του Αρνι—X  
 του Αμιναδαβ, του Αδμειν, του Αρνι—L  
 του Αμιναδαβ, του Αραμ, του Αρνι—N

Problema: Os fictícios Admin e Arni são introduzidos na genealogia de Cristo.

Discussão: O texto da SBU tem distorcido a evidência no seu aparato crítico, de modo a esconder o fato que nenhum MS grego tem o texto exato que imprimiram, uma verdadeira “colcha de retalhos.” Ao apresentar o raciocínio da Comissão da SBU neste caso, Metzger escreve: “A Comissão adotou o que parecia ser a forma menos insatisfatória do texto” (pag. 136). Mas que arrogância sem medida!! Os editores da SBU inventam sua própria redação e a proclamam ser “a menos insatisfatória”! E o que exatamente pode ser “insatisfatório” na redação de 95+% dos MSS, exceto que não introduz quaisquer dificuldades?

Há completa confusão no arraial Egípcio. Essa confusão deve ter começado no segundo século, resultando de alguns erros fáceis de ocorrer ao transcrever, simples enganos ao copiar. É muito fácil mudar *ARAM* para *ARNI* (nos primeiros séculos, somente letras maiúsculas eram usadas): com uma pena de escrever que começa a arranhar, os traços cruzantes no *A* e no *M* poderiam ficar fracos, e um copista subsequente poderia confundir a perna esquerda do *M* como acompanhando o *A*, de modo a fazer um *N*, e a perna direita do *M* se tornaria um *I*. Muito cedo “Aminadabe” foi soletrado errado, como “Aminadam”, o que sobreviveu em cerca de 25% dos manuscritos existentes. O *ΑΔΑΜ* de Aleph, sir<sup>s</sup> e cop<sup>sa</sup> surgiu de uma fácil instância de homoioarcton (o olho do copista foi do primeiro *A* em “Aminadabe” para o segundo, omitindo “Amin” e deixando “Adam”). *A* e *Δ* são facilmente confundíveis, especialmente quando escritos à mão – “Admin” presumivelmente veio de “AMINadab/m”, embora o processo fosse mais complicado. O “i” de “Admin” e “Arni” é adulterado para “ei” em Códice B (uma ocorrência freqüente nesse MS – talvez devido à influência Coptica). Códice Aleph fez a confluência do ancestral que produziu “Adam” com aquele que produziu “Admin”, etc. A confusão total no Egito não nos surpreende, mas como explicaremos o texto e aparato da UBS neste exemplo? E o que poderia ter se apoderado dos editores da NASB, NRSV, TEV, LB, Berkeley, etc. para abraçarem um erro tão grosseiro?

**Mateus 19.17** Τι με λεγεις αγαθον ουδεις αγαθος ει μη εις ο θεος—f<sup>35</sup> C,W (99%) RP,HF,OC,CP,TR  
 Por que me chamas bom? Não há bom senão um só, que é Deus.

Τι με ερωτας περι του αγαθου εις εστιν ο αγαθος—x̄ (B,D) (0.9%) NU  
 Por que me perguntas a respeito do que é bom? Um é bom.

Problema: a NU em Mateus 19.17 contradiz a NU em Marcos 10.18 e Lucas 18.19 (em Marcos e Lucas todos textos concordam com a redação do texto majoritário em Mateus 19.17).

Discussão: Pode-se presumir que Jesus falou em hebraico, mas não há nenhuma maneira pela qual o que Ele disse pudesse legitimamente resultar nas duas traduções para o grego acima dadas.<sup>1</sup> Que as versões em latim oferecem uma confluência sugere que as outras duas variantes tinham que existir no segundo século – na verdade, o *Diatessaron* abertamente põe a redação majoritária na primeira metade daquele século. A Igreja no Egito, naquele século, era dominada pelo Gnosticismo. Que uma tal variante tão deliciosamente gnóstica surgiu não é surpresa, mas porque os editores modernos a adotam? Porque é “a mais obscura” (Metzger, pag. 49). Esta “obscuridade” foi tão atraente à Comissão da NU que eles imprimiram outra “colcha de retalhos” – juntando a pergunta do jovem e esta primeira parte da resposta do Senhor, o exato texto da NU é encontrado somente no **corretor** do Códice B; ademais, com referência aos principais MSS gregos (x̄,B,D,L,Θ,f<sup>1</sup>) dados como aqui apoiando o Texto Eclético, o fato é que nenhum deles [aqui] concorda precisamente com nenhum dos outros! (Devem eles ser considerados como testemunhas confiáveis? Em que base?) A maioria das versões modernas se junta ao texto da NU neste erro, também.

<sup>1</sup>No Seu ensino sobre temas genéricos, o Senhor presumivelmente se repetiu muitas vezes, usando uma variedade de expressões e variações sobre os temas, e os escritores dos Evangelhos preservam algo dessa variedade. Nesta passagem estamos lidando com uma conversação específica, a qual pode-se presumir que não foi repetida.

**Atos 19.16** αὐτῶν—f<sup>35</sup> [90%] HF,RP,OC,TR,CP  
deles

ἀμφοτέρων—⋈ A,B,D [5%] NU  
de ambos

mais duas variantes—[5%]

Problema: Os filhos de Ceva eram sete, não dois.

Discussão: Argumentar que “ambos” pode significar “todos”, com base nesta passagem, é fugir da pergunta por assumir o fato como provado. Um apelo para Atos 23.8 é similarmente não convincente. “Porque os Saduceus dizem que não há ressurreição, nem anjo ou espírito; mas os fariseus reconhecem ambas as coisas.” “Anjo” e “espírito”, se não foi intencionado que fossem tomados como sinônimos, pelo menos pertencem a uma única classe, a dos seres espirituais. Os fariseus criam em “ambas as coisas” – ressurreição e seres espirituais. Não há aqui nenhuma base para alegar que “ambos” pode legitimamente se referir a sete, em Atos 19.16.<sup>1</sup> Mesmo assim, a maioria das versões modernas traduz “ambos” por “todos”. Em verdade, a NASB traduz como “eles ambos”, tornando a contradição patente!

**Mateus 1.7-8** Ασα—f<sup>35</sup> W [98%] RP,HF,OC,CP,TR  
Asa

Ασαφ—P<sup>1v</sup> ⋈,B,C [2%] NU (duas vezes)  
Asafe

Problema: Asafe não pertence à genealogia de Jesus.

Discussão: Asafe foi da tribo de Levi, não da de Judá; foi um salmista, não um rei. É claro, do comentário de Metzger, que os editores da NU entendem que seu texto se refere ao levita e não deve ser entendido como uma grafia alternativa de Asa; Metzger abertamente chama Asafe um “erro” (p. 1). De fato, “Asafe” provavelmente não é uma “escorregada da pena” ao escrever “Asa”. Sem contarmos Asa e Amon (ver v. 10), Códice B erra na escrita de 13 nomes neste capítulo, enquanto Códice Aleph erra na escrita de 10 nomes, o que mina sua credibilidade. No entanto, seus erros envolvem ditografia [isto é, repetições], mudança de gênero, ou mudança para um som similar (z ao invés de s, d ao invés de t, m ao invés de n) – não adicionar uma consoante gratuita, como f, nem trocar sons não semelhantes, como s ao invés de n.

Em resposta a Lagrange, que atribuía “Asafe” a um antigo erro de escriba, Metzger escreve: “Uma vez, no entanto, que o evangelista pode ter derivado material para a genealogia, não do Velho Testamento diretamente, mas de listas genealógicas subsequentes, nas quais a grafia errônea ocorreu, a Comissão não viu nenhuma razão para adotar o que parece ser uma emenda escrital” (p. 1). Metzger declara, sem rodeios, que a grafia por eles adotada é “errônea”. Os editores da NU deliberadamente importaram um erro para o seu texto, e o erro é fielmente reproduzido pela NAB (“New American Bible”) e NRSV. RSV e NASB oferecem uma nota de rodapé dizendo que o grego lê “Asafe” – seria menos enganador se eles tivessem dito que uma fração minúscula dos MSS gregos assim lê. O caso de Amom X Amós, no verso 10, é análogo a este. Metzger diz que “Amós” é “um erro [na grafia] de ‘Amom’” (pag. 2), e daí os editores da NU naturalmente inseriram o erro no seu texto.

<sup>1</sup>A nota de Arndt e Gingrich (p. 47) parece planejada para proteger a redação do Texto Eclético em Atos 19.16. A discussão de Metzger é interessante. “A dificuldade em reconciliar [“sete”] com [“ambos”], no entanto, não é grande ao ponto de tornar o texto que inclui “ambos” um texto impossível. Por outro lado, no entanto, a dificuldade é tão trabalhosa que é difícil explicar como [“sete”] entrou e foi perpetuada no Texto, se não era original ...” (p. 471-72). Notar que Metzger assume a genuinidade de “ambos” e discute a dificuldade que isto cria, como se fosse um fato. Eu diria que sua suposição é sem fundamentos, e que a dificuldade que ela cria é um artefato das pressuposições dele.

**Mateus 10.10** μηδε ραβδους—f<sup>35</sup> C,N,W [95%] RP, HF, CP  
nem bordões

μηδε ραβδον—x̄, B, D [5%] OC, TR, NU  
nem [um] bordão

Problema: Tanto em Mateus 10.10 como em Lucas 9.3, o texto da NU tem “nem [um] bordão”, assim contradizendo Marcos 6.8, onde todos os textos têm “somente um bordão.”

Discussão: Em Lucas e Mateus, o texto majoritário lê “nem bordões”, que não contradiz Marcos – o caso dos bordões é análogo ao das túnicas: cada apóstolo devia levar somente um, não vários. Um leitor superficial provavelmente esperaria o singular; que algum escriba no Egito teria problemas com “bordões” e fizesse a simplificação para “[um] bordão”, não traz nenhuma surpresa; mas por que os editores da NU importaram este erro para seu texto? Quase todas as versões modernas seguem a NU tanto aqui como em Lucas 9.3.

**Marcos 1.2** εν τοις προφηταις—f<sup>35</sup> A, W (96.7%) HF, RP, CP, TR, OC  
[como está escrito] nos profetas

εν τω Ησαια τω προφητη—x̄B (1.3%) NU  
[como está escrito] em Isaías, o profeta

Ησαια τω προφητη—D (1.8%)

Problema: O texto da NU atribui ao livro de Isaías material nele inexistente.

Discussão: O resto do verso 2 é uma citação de Malaquias 3.1, enquanto o verso 3 é de Isaías 40.3. Mais uma vez Metzger usa, essencialmente, o argumento da “leitura mais difícil” (p. 73), mas a escolha eclética é, muito provavelmente, o resultado de atividade harmonizadora primitiva. Os únicos outros locais onde Isaías 40.3 é citado no Novo Testamento são Mateus 3.3, Lucas 3.4 e João 1.23. Os dois primeiros são em passagens paralelas a Marcos 1.2 e casam com este ao citarem a LXX exatamente. A citação em João difere da LXX em uma palavra e é também usada em conexão com João Batista. A consideração crucial, para nossos presentes propósitos, é que Mateus, Lucas e João todos eles (sem variação de MS) identificam a citação como sendo de Isaías. Parece claro que a redação “Alexandrina-Occidental” em Marcos 1.2 é simplesmente uma assimilação aos outros três evangelhos. Deve também ser notado que o material de Malaquias parece mais uma alusão que uma citação direta. Ademais, embora Malaquias seja citado (ou aludido) várias vezes no Novo Testamento, ele nunca é nomeado. Os próprios hábitos de Marcos podem também ser muito relevantes a esta discussão. Marcos citou Isaías em 4.12, 11.17 e 12.32, e aludiu a ele em cerca de dez outros locais, sempre sem nomear sua fonte. A única vez que ele usa o nome de Isaías é quando cita Jesus, em 7.6. Ante tal clara evidência o cânon da “redação mais difícil” não pode justificar que um erro seja forçado para dentro de Marcos 1.2. Quase todas as versões modernas seguem o texto da NU aqui.

**Lucas 9.10** εις τοπον ερημον πολεως καλουμενης Βηθσαιδα(ν)—f<sup>35</sup> (A)C(N)W [98%] CP, HF, RP, TR, OC  
para um lugar deserto pertencente a uma aldeia chamada Betsáida

εις πολιν καλουμενην Βηθσαιδα—(P<sup>75</sup>)B [0.5%] NU  
para uma aldeia chamada Betsáida

εις κωμην λεγομενην βηδσαιδα—D  
εις τοπον ερημον—x̄

Problema: O texto da NU tem Jesus e Seu grupo adentrando Betsáida, mas no v. 12 os discípulos dizem que estão numa área deserta; assim uma contradição é introduzida. A NU também está em desacordo com a NU nas passagens paralelas.

Discussão: Em Mateus 14.13 todos os textos têm Jesus retirando-se para um lugar deserto, e no v. 15 os discípulos dizem “o lugar é deserto ... despede a multidão, para que vão pelas aldeias.”

Em Marcos 6.31-32, todos os textos têm Jesus indo para um local deserto, e no v. 35 os discípulos dizem que “o lugar é deserto,” etc. Assim, a NU não apenas faz Lucas se contradizer a si próprio, mas o coloca contra Mateus e Marcos. As versões modernas não nos surpreendem.

**João 18.24** ἀπεστειλεν—f<sup>35</sup> A [90%] CP, HF, RP, OC, TR  
[Anás] O mandara [,manietado, ao sumo Caifás]

ἀπεστειλεν ουν—B, C, W [9%] NU, some TR  
então [Anás] mandou-O [,manietado, ao sumo Caifás]

ἀπεστειλεν δε—x̄ [1%]

Problema: A variante do NU gera uma contradição no contexto imediato. O verso 13 diz que Jesus foi primeiramente levado a Anás, mas os quatro evangelhos consoam que as negações de Pedro e o julgamento ocorreram na casa de Caifás – local onde ocorrera o relato de João, versículos 15 a 23. E segundo a variante do NU os versos 15-23 ocorreram na casa de Anás, fazendo João contradizer os demais evangelhos.

Discussão: Somente João registra que Jesus foi primeiramente levado a Anás. Os demais evangelhos ficam restritos somente aos ocorridos na casa de Caifás, portanto para eles não há problema nem discordância entre o relato de João e os relatos dos demais quanto à mudança de residências. Ao terminar de escrever os versos 15-23, João percebe que os seus leitores poderiam levar a equivocada impressão que Jesus ainda permanecera na casa de Anás, e por isso redige o verso 24, advertindo da mudança de localidade. O verso 24 deveria ser traduzido e redigido como: (*Anás O mandara, manietado, ao sumo Caifás.*).

**João 6.11** τοις μαθηταις οι δε μαθηται—f<sup>35</sup> D [97%] CP, HF, RP, OC, TR  
aos discípulos, e os discípulos

--- --- --- --- --- —P<sup>66,75v</sup> x̄ A, B, W [3%] NU

Problema: O texto NU se contradiz. Nas passagens paralelas em Mateus 14.19, Marcos 6.41 e Lucas 9.16 o NU concorda com o texto Majoritário que Jesus entrega o pão aos discípulos, os quais o distribuem à multidão. Mas o texto de João segundo o NU há omissão de “aos discípulos” e consequentemente foi Jesus quem distribuía o pão à multidão.

Discussão: Essa variante pode ser explicada como sendo um simples erro de transcrição, um caso de *homoioarcton*, um início semelhante – neste caso passando de um τοις para o próximo. Não há necessidade de se apelar ao cânon de “leitura mais difícil”. Fosse esse o único caso, poderia ser explicado como inofensivo; mas este, quando somado aos demais, se desenvolve num problema de efeito cumulativo.

Estou bem ciente de que os exemplos acima podem não impressionar o leitor como sendo uniformemente convincentes. Contudo, afirmo que têm um efeito cumulativo. À custa de imaginação engenhosa e de ginástica mental, pode ser possível parecer contornar um ou outro destes exemplos (inclusive aqueles que seguem), mas com cada exemplo [de manobra evasiva] adicional aumenta o desafio à nossa credulidade. Um ou dois arroudes podem ser aceitos como possíveis, mas cinco ou seis se tornam altamente improváveis; dez ou doze são extremamente difíceis de tolerar.

## Anomalias Sérias / Aberrações

**João 7.8** ουπω—f<sup>35</sup> P<sup>66,75</sup> B, N, T, W [96.5%] CP, HF, RP, OC, TR  
ainda não

ουκ—x̄ D [3%] NU  
não

Problema: Uma vez que Jesus de fato foi à festa (e sem dúvidas sabia o que estava prestes a fazer), o texto da NU tem o efeito de Lhe atribuir uma mentira.

Discussão: Uma vez que os editores da NU usualmente atribuem o mais alto dos valores a P<sup>75</sup> e B, não é estranho que os rejeitaram neste caso? Aqui está a explicação de Metzger: “A variante [“ainda não”] foi introduzida em uma data bem antiga (o que é atestado por P<sup>66,75</sup>), para minorar a inconsistência entre verso 8 e verso 10” (pag. 216). Assim, os editores rejeitaram P<sup>66,75</sup> e B (junto com 96+% dos MSS) porque preferiram a “inconsistência”. NASB, RSV, NEB e TEV se alinham com o Texto Eclético aqui.

**João 6.47** εΙς εμἐ—f<sup>35</sup> A,C,D,N (99.5%) CP, HF, RP, OC, TR  
[crê] para dentro de mim

--- --- —P<sup>66</sup> ⚭ B, T, W (0.5%) NU  
[crê]

Problema: Jesus está fazendo uma declaração formal sobre como se pode ter vida eterna. “Em verdade, em verdade vos digo que aquele que crê para dentro de Mim tem a vida eterna.” Ao omitir “em Mim”, a NU abre a porta para o universalismo.

Discussão: Uma vez que é impossível viver sem crer em algo, todos crêm – o objeto da crença é que é o essencial. O verbo “crer” ocorre em outros locais desacompanhado de um objeto explícito (que é suprido pelo contexto), mas não em uma declaração formal como esta. A redação mais curta é provavelmente o resultado de um exemplo de *homoioarcton* muito fácil de ocorrer – três palavras curtas em seqüência começam com “E”. Todavia, Metzger diz das palavras “em Mim”: “nenhuma boa razão pode ser sugerida para explicar a sua omissão” (pag. 214). Os editores dão à omissão a nota {A} [“virtualmente inquestionável”]! Isto contra 99,5% dos MSS além de atestação do II século. TEV, NASB, NIV, NRSV e “Jerusalém” reproduzem, precisamente, o texto da NU.

**Atos 28.13** περιελθοντες—f<sup>35</sup> A, 048 [95%] HF, RP, OC, TR, CP  
virando de bordo [alcançamos Régio]

περιελοντες—⚭ B [5%] NU  
retirando (alguma coisa) [alcançamos Régio]

Problema: O verbo escolhido pela NU, *περιαιρωα*, é transitivo, e não faz sentido aqui.

Discussão: A explicação manca de Metzger é que a maioria dos membros da Comissão da NU considerou a palavra como sendo “um termo técnico náutico de significado incerto” (p. 501)! Por que eles escolheram desfigurar o texto com base em evidências tão pobres, quando há uma explicação transcricional fácil? As letras gregas O e Θ são muito similares e, estando lado a lado em uma palavra, seria fácil deixar uma de fora, neste caso o *theta*. A maioria das versões modernas é na realidade baseada no texto Nestle “antigo”, que aqui concorda com a redação Majoritária. NRSV, entretanto, segue a NU, oferecendo a tradução “então levantamos âncora.”

**Marcos 16.9-20** (presente)—cada MS grego conhecido (a. 1,700) exceto três; HF, RP, CP, TR, OC[[NU]]  
(omitido)—⚭<sup>c</sup>, B, 304

Problema: Uma aberração séria é introduzida – é afirmado que o Evangelho segundo Marcos termina em 16.8.

Discussão: A SBU<sup>3</sup> coloca estes versos entre colchetes duplos [[ ]], que significam que os versos são “considerados como adições ao texto, posteriormente feitas”, e dão à sua decisão uma nota {A}, “virtualmente inquestionável”. Assim, os editores da SBU nos asseguram que o genuíno texto de Marcos termina em 16.8. Mas por que os críticos insistem em rejeitar esta passagem? Ela está contida em cada MS grego sobrevivente (cerca de 1700), exceto três (na verdade somente dois, B e 304 – ⚭ não é propriamente “sobrevivente” porque, neste local, é forjado).<sup>1</sup> Cada Lecionário grego sobrevivem-

<sup>1</sup>Tischendorf, que descobriu o Códice Aleph, advertiu que a folha dobrada contendo o término de Marcos e o início de Lucas parecia ser escrita por uma mão diferente e com tinta diferente do resto do manuscrito. Seja como for, um exame cuidadoso revela o seguinte: o final de Marcos e o começo de Lucas ocorrem na página 3 (de um total de 4 [da folha dobrada]); as páginas 1 e 4 contêm uma



te (cerca de 2000?) contém a passagem (um deles, 185, somente no *Menologion*). Cada MS sirio sobrevivente, exceto um (o Sinaítico), a contém. Cada MS em latim (8000?), exceto um (k), a contém. Cada MS cóptico sobrevivente, exceto um, a contém. Temos evidência concreta (Irineu e o *Diatessaron*) da “inclusão” da passagem já no século II, presumivelmente na sua primeira metade. Quanto à “exclusão”, não temos nenhuma evidência sólida semelhante.

Face tal evidência massiva, por que os críticos insistem em rejeitar esta passagem? Lamentavelmente, a maioria das versões modernas também, de uma ou de outra maneira, lança dúvidas sobre a autenticidade destes versos (a NRSV é, aqui, especialmente objeccionável). Como sou um dos que crêem que a Bíblia é a Palavra de Deus, acho inconcebível que uma biografia oficial de Jesus Cristo, comissionada por Deus e escrita sob o Seu controle de qualidade, omitiria provas da ressurreição de Cristo, excluiria todas as suas aparições subsequentes, e terminaria com a cláusula “porque temiam”! Se a avaliação dos críticos fosse correta, pareceríamos estar apertados entre uma rocha e um lugar duro. O evangelho de Marcos seria um evangelho mutilado (se interrompido no v. 8) sendo que o final original teria desaparecido sem deixar vestígios. Mas nesse evento, que seria do propósito de Deus em ordenar esta biografia?

**João 1.18** ο μονογενης υιος—f<sup>35</sup> A,C,W (99.6%) (CP)HF,RP,OC,TR  
o unigênito Filho

-- μονογενης θεος—P<sup>66</sup> κ B,C (0.3%) NU  
um unigênito deus

ο μονογενης θεος—P<sup>75</sup> (0.1%)  
o unigênito deus

Problema: Uma anomalia séria é introduzida – Deus, como Deus, não é gerado.

Discussão: A natureza e o corpo humanos de Jesus Cristo foram, na verdade, literalmente gerados em Maria, virgem, pelo Espírito Santo; Deus o Filho tem existido eternamente. “Um deus unigênito” é tão deliciosamente gnóstico que a origem egípcia aparente desta leitura a faz duplamente suspeita. Também seria possível traduzir a segunda leitura como “unigênito deus!”, enfatizando a qualidade [de ser Divino], e isto tem atraído muitos que aí vêem uma forte afirmação da divindade de Cristo. No entanto, se Cristo recebeu Sua “Divindade” através do processo de geração, então não pode ser a eternamente preexistente Segunda Pessoa da Trindade. Também “unigênito” não é análogo a “primogênito”, que se refere à prioridade de posição – isto poria o Filho acima do Pai. Não importa como a encaremos, a redação da NU introduz uma anomalia séria.

Presumivelmente *μονογενης* deve significar algo mais que apenas *μονος*, “único”. Em Lucas 7.12, embora por razões de estilo um tradutor possa por “o filho **único** de sua mãe”, havemos de entender que ele foi gerado por ela – não poderia ser um filho adotivo. O mesmo acontece em Lucas 8.42 e 9.38. Em Hebreus 11.17, com referência à promessa e a Sara, Isaque foi na verdade o “filho unigênito” de Abraão, embora ele realmente tivesse outros filhos com outras mulheres. Notar em Gênesis 22.12 e 16 que o próprio Deus chama Isaque de “único” filho de Abraão. João usa *μονογενης* cinco vezes, sempre se referindo ao Filho de Deus (João. 1.14, 18; 3.16, 18; 1 João 4.9). Não vejo nada nos usos do NT que justifique a tradução “único” [em oposição a “unigênito” (único gerado)].

Que P<sup>75</sup> tenha uma confluência das duas primeiras redações é curioso, mas demonstra que a discrepância surgiu no segundo século. (Artigos modificam substantivos, não adjetivos, quando numa frase nominal tal qual a que aqui temos. Assim, o artigo é parte da mesma unidade de variação). A maioria das versões modernas evita uma tradução direta da redação da NU. NIV nos oferece “mas

---

média de 17 linhas (de texto grego impresso) por coluna (há quatro colunas por página), exatamente como o resto do códice; a página 2 contém uma média de 15,5 linhas de texto impresso por coluna (quatro colunas); a primeira coluna da página 3 contém somente **doze** linhas (de texto impresso) e, desta maneira, o verso 8 ocupa o topo da segunda coluna, o resto da qual está em branco (exceto por alguns desenhos); Lucas começa no topo da coluna 3, a qual contém 16 linhas de texto impresso, enquanto a coluna 4 volta a ter 17 linhas. Na página 2 o forjador começou a distanciar as letras, deslocando seis linhas de texto impresso; na primeira coluna da página 3 ele se desesperou e deslocou **cinco** linhas de texto impresso, somente em uma coluna!

Desta maneira, o forjador conseguiu que duas linhas do verso 8 sobrassem para iniciar a segunda coluna, evitando a denunciadora coluna vazia (que ocorre no Códice B). Essa segunda coluna acomodaria mais 15 linhas de texto impresso, as quais, com as outras onze linhas [6 linhas na página 2, mais 5 linhas na página 3], totalizam 26. Versos 9-20 ocupam 23,5 de tais linhas; assim existe bastante espaço para a passagem. Parece que realmente houve jogo sujo, e não teria havido nenhuma necessidade dele a não ser que a primeira mão de fato exibisse os versos disputados. Em qualquer evento, Aleph, como está, é uma fraude neste local, e assim não pode ser legitimamente alegado como evidência contra Marcos 16.9-20.

Deus o único [Filho]” – uma má tradução para um texto mau. (Uma revisão subsequente tem “Deus o Um e Único” – uma “fraude piedosa”, uma vez que nenhuma das variantes tem este sentido.) TEV tem “O Único, que é o mesmo que Deus” – pouco melhor. NASB realmente traduz “o unigênito Deus”! (a redação de P<sup>75</sup>). Não querendo ficar para trás, a “Amplified” confecciona uma conflagração, “o único Filho suigêneris, o Deus unigênito.” Ai ai ai!

**João 7.53-8.11** (presente)—f<sup>35</sup> D [85%] CP, HF, RP, OC, TR[[NU]]

(omitido)—P<sup>66,75</sup> ⋈ B, N, T, W [15%]

Problema: A SBU<sup>3</sup> coloca estes versos entre colchetes duplos [[ ]], que significa que os versos são “considerados como adições ao texto, posteriormente feitas,” e dão à sua decisão uma nota {A}, “virtualmente inquestionável”. A omissão introduz uma aberração.

Discussão: A evidência contra o Texto Majoritário é, aqui, menos fraca do que em qualquer dos exemplos prévios. Mas, assumindo (somente para efeito de raciocínio) que a passagem é espúria, como poderia jamais ter sido introduzida aqui, e de modo tal que é atestada por uns 85% dos MSS? Tentemos ler a passagem maior sem estes versos – temos que ir diretamente de 7.52 para 8.12. Revendo o contexto, os principais sacerdotes e fariseus tinham enviado guardas para prenderem Jesus, sem proveito; uma “discussão” resulta; Nicodemos faz uma colocação, ao que os fariseus respondem:

(7.52) “És tu também da Galiléia? Examina, e verás que da Galiléia nenhum profeta surgiu.”

(8.12) “Falou-lhes, pois, Jesus outra vez, dizendo: ‘Eu sou a luz do mundo.’ ...”

Qual é o antecedente de “lhes”, e qual é o significado de “outra vez”? Pelas regras normais da gramática, se 7.53-8.11 estão faltando, então “lhes” tem que referir aos “fariseus” e “outra vez” significa que, [nesta conversação], Jesus já lhes dirigira a palavra ao menos uma vez. Mas 7.45 deixa claro que Jesus **não estava lá** com os fariseus. Assim, a UBS introduz uma aberração. Mesmo assim, Metzger alega que a passagem (7.53-8.11) “interrompe a sucessão de 7.52 e 8.12ss” (p. 220)! Procurar pelos antecedentes de 8.12 em 7.37-39 não somente afronta a sintaxe mas também colide contra 8.13 – “os fariseus” respondem à reivindicação que Jesus fez no verso 12, mas “os fariseus” estão em outro lugar, 7.45-52 (se 7.53-8.11 está ausente).

Metzger também alega que “o estilo e vocabulário da passagem em foco diferem notavelmente daqueles do restante do quarto evangelho.” Mas os falantes nativos de grego naquela época não estariam em melhor posição que os críticos modernos para notarem algo assim? Então como poderiam elas permitir uma passagem tão “estranha” ser forçada para dentro do texto? Sugiro que a resposta evidente é que eles não o fizeram: a passagem estava lá desde o início. Também protesto contra o uso dos colchetes aqui. Uma vez que os editores claramente encaram a passagem como espúria eles deveriam ser consistentes e a eliminarem, como a NEB e a Bíblia de Williams o fazem. Desta maneira, toda a extensão do seu erro ficaria exposta para todos verem. As Bíblias NIV, NASB, NRSV, Berkeley e TEV também usam colchetes para questionar a validade desta passagem.

**1 Timóteo 3.16** θεος—f<sup>35</sup> A, C<sup>v</sup> [98.5%] RP, HF, OC, TR, CP  
Deus [se manifestou em carne]

ος—⋈ [1%] NU  
quem [se manifestou em carne]

ο—D  
que [se manifestou em carne]

Problema: Uma anomalia gramatical é introduzida. “Grande é o mistério da piedade, quem se manifestou em carne” é pior em grego do que o é em português. “Mistério” é do gênero neutro enquanto “piedade” é feminino, mas “quem” é masculino!

Discussão: Em um esforço para explicar o “quem”, é comumente argumentado que a segunda metade do verso 16 foi uma citação direta de um hino, mas onde está a evidência para esta alegação? Sem evidência, a alegação [descaradamente] foge da pergunta por assumir o fato como provado.<sup>1</sup> Que a passagem tem algumas qualidades poéticas não diz mais do que que ela tem qualidades

<sup>1</sup>Um pronome normalmente exige um antecedente, mas material citado pode prover uma exceção. Assim, 1 Coríntios 2.9 é algumas vezes oferecido como um exemplo: a citação de Isaías começa com um pronome, sem um antecedente gramatical (embora “mistério”, no verso 7, seja presumivelmente o antecedente referencial). No entanto, as palavras de Isaías são formalmente apresentadas

poéticas. “Quem” é sem sentido [gramatical], de modo que a maioria das versões modernas que seguem o texto da NU toma aqui ações evasivas. A redação em latim, “o mistério ... que,” pelo menos faz sentido. A verdadeira redação, como atestado por 98,5% dos MSS gregos, é “Deus.” Nos MSS mais antigos “Deus” foi escrito ΘC, “quem” foi escrito OC, e “que” foi escrito O. A diferença entre “Deus” e “quem” é somente de dois traços cruzados, e com uma pena estragada eles poderiam facilmente ser fracos, (ou um copista poderia momentaneamente se distrair e esquecer de adicionar os traços). Assim, a variante “quem” pode ser explicada por um fácil erro transcricional. A variante “que” seria uma solução óbvia para um copista deparado com o “quem” sem sentido. Qualquer que seja a intenção dos editores da NU, o texto deles mutila esta forte declaração da divindade de Jesus Cristo, além de ser uma estupidez – como pode ser 'mistério' o fato de um macho humano se manifestar em carne? Todo ser humano tem corpo.

**2 Pedro 3.10** κατακαησεται—f<sup>35</sup> A,048 (93.6%) RP,HF,OC,TR,CP  
[a terra . . .] será queimada

ευρεθησεται—(P<sup>72</sup>) B (3.2%) NU  
[a terra . . .] será achada

Problema: A redação da NU é sem sentido; o contexto é claramente de julgamento.

Discussão: Metzger de fato declara que o texto dos editores da UBS “parece ser destituído de significado, no contexto” (pag. 706)! Então, por que eles o escolheram? Metzger explica que há “uma ampla variedade de redações, nenhuma das quais parece ser original” – presumivelmente, mesmo que “será queimada” fosse a única leitura, com atestação unânime, ele ainda a rejeitaria, mas ele dificilmente pode argumentar que é sem sentido. Os editores da NU deliberadamente escolheram uma variante que acreditaram ser “destituída de significado, no contexto”. A NASB aqui abandona a NU e oferece a redação majoritária; as NEB e NIV oferecem “será desnudada”; a TEV oferece “desaparecerá”.

**Judas 15** παντας τους ασεβεις—f<sup>35</sup> A,B,C (97.8%) RP,HF,OC,TR,CP  
[convencer] todos os ímpios [dentre eles, por todas as suas obras de impiedade]

πασαν ψυχην—P<sup>72</sup> B (only one other MS) NU  
[convencer] todas as almas [por todas as suas obras de impiedade]

Problema: a NU introduz uma anomalia séria.

Discussão: Certas pessoas muito más têm sido pictoricamente descritas nos versos 4, 8 e 10-13. No verso 14, Judas introduz uma profecia “a respeito desses homens”, os mesmos que vinha descrevendo, e a citação continua até o fim do verso 15. O verso 16 continua a descrição da perversidade deles, mas o verso 17 faz uma clara distinção entre eles e os crentes a quem Judas se dirige. Assim, Enoque não pode estar se referindo a “todas as almas” – a redação da NU está claramente errada. De fato, Nestle<sup>25</sup> e a SBU<sup>2</sup> permaneceram com o Texto Majoritário, lendo “todos os ímpios.” A NU muda para “toda alma,” sem comentários! Não é este um procedimento curioso? Os editores da NU, seguindo somente três MSS e a versão Sahídica, invertem uma posição que antes tinham, e nem sequer mencionam isto no aparato deles. Isto é especialmente infeliz, dado à natureza séria da mudança. A maioria das versões modernas segue aqui o Texto Majoritário, mas a NRSV tem “convencer a todos”.

**Mateus 5.22** εικη—f<sup>35</sup> D,W (96.2%) RP,HF,OC,CP,TR  
sem causa

--- —P<sup>64</sup> B (1.9%) NU

---

como uma citação, “como está escrito,” enquanto o material em 1 Timóteo 3.16 não o é, portanto não há nenhuma analogia válida. Colossenses 1.13 ou 1.15 têm sido sugeridos como analogias para o “quem” em 1 Timóteo 3.16, mesmo alegados como “hinos”, mas não há nenhum apoio objetivo para a reivindicação. O antecedente do pronome relativo em Colossenses 1.15 é “o filho” no verso 13, e o antecedente do pronome relativo no verso 13 é “o pai” no verso 12. Novamente, não há nenhuma analogia válida.

Problema: A omissão do NU se desdobra em gerar um conflito com passagens semelhantes a Efésios 4.26 e a Salmos 4.4, onde somos ordenados a nos irmarmos, inclusive a despeito ao exemplo do Senhor Jesus, Marcos 3.5.

Discussão: Jeová odeia a injustiça e a julgará; mas Ele também odeia o mal e nos ordena que façamos conforme Ele faz, Salmos 97.10. A variante do NU acarreta numa proibição ao ódio/ira, o que é um erro. Novamente, fosse esse o único caso, poderia ser explicado como inofensivo; mas este, quando somado aos demais, se desenvolve num problema de efeito cumulativo.

**Marcos 10.24** τοὺς πεποιθότας ἐπὶ χρημασίν—<sup>f</sup><sup>35</sup> A,C(D)N (99.5%) HF,RP,CP(TR)OC  
para os que confiam nas riquezas

--- --- --- --- —~~κ~~B (0.4%) NU

πλουσίων—W

Problema: Conforme a variante do NU as palavras de Jesus são: “Quão difícil é entrar no Reino de Deus!”. Algo, que ao considerarmos o contexto imediato, é uma estupidez destilada. Além de O fazer se contradizer, dado que noutras passagens Ele faz convites abertos: “Venham após Mim, todos os que estão cansados e sobrecarregados, e Eu vos aliviarei...” Mateus 11.28.

Discussão: No contexto apresentado, a leitura Majoritária é cristalinamente correta. Levando em conta toda a Escritura sobre o assunto de riqueza material, o enriquecer não é o problema em si; o problema é justamente o da confiança – você está verdadeiramente confiando em Deus ou nas posses? Doutra forma, onde está o teu tesouro? A maioria das traduções modernas seguem o NU nessa passagem, e algumas ainda trazem a seguinte nota de rodapé: “alguns manuscritos (mais recentes) acrescentam ‘para os que confiam nas riquezas’”. Isso se referindo a 99,5% do total de manuscritos; enquanto que as versões Latina e Siríaca remetem o texto Majoritário como sendo do Séc. II. Tais notas são claramente perversas.

Há muitos exemplos adicionais, alguns dos quais, tomados isoladamente, podem não parecer tão alarmantes. Mas eles têm um efeito cumulativo, e **dúzias** deles deveriam fazer o leitor responsável pausar. Existe um padrão? Se sim, por que? Mas, por enquanto o que já foi apresentado é suficiente; podemos agora atentar para as implicações [do que vimos].

## Implicações

Como explicar tudo isso? Creio que a resposta repousa na área das pressuposições. Tem havido uma curiosa relutância da parte dos estudiosos conservadores em enfrentar este assunto. Imaginar que as escolhas editoriais de um estudioso naturalista não serão influenciadas pela sua tendência teológica é extremamente ingênuo.

Naturalmente, tanto tais estudiosos como os defensores conservadores do Texto Eclético irão sem dúvidas objetar: “De modo algum!” diriam eles, “Nossas escolhas editoriais derivam da aplicação imparcial dos cânones geralmente aceitos [“geralmente aceitos” por quem, e com que base; isto é, quais são as pressuposições por detrás desses cânones] da crítica textual do NT.” E quais são esses cânones? Os quatro principais parecem ser: 1) a leitura que melhor explique o surgimento das demais seja a preferida; 2) a leitura mais difícil seja a preferida; 3) a leitura mais curta seja a preferida; 4) a leitura que melhor se adeque ao estilo e propósito do autor seja a preferida. Podemos dizer que o primeiro cânão como que destila a essência de todos eles, e portanto deveria ser o cânão dominante. Mas na prática é provavelmente o segundo que é mais rigorosamente aplicado. Da apresentação que B.M. Metzger faz do arrazoado da Comissão da NU nos exemplos acima, parece que mais da metade das vezes ela baseou suas decisões no cânão da leitura mais difícil (para quatro dos exemplos Metzger não faz nenhum comentário porque o aparato da SBU não menciona que há variação; para dois deles Metzger diz que todas as variantes são insatisfatórias!) Mas, como iremos nós decidir qual variante é a mais “difícil”? Não entrarão aí nossas tendências teológicas?

Consideremos um exemplo: em Lucas 24.52, as edições 1-25 de Nestle (e em consequência as Bíblias NASB, RSV e NEB) omitem “eles O adoraram”. A SBU<sup>3</sup> retém as palavras, mas atribui-lhes a nota {D}, que significa um “grau muito alto de dúvida”. Somente um único manuscrito grego omite as palavras, o Códice D, apoiado por parte das testemunhas em latim. A despeito desta muito insignificante evidência externa pró omissão, é argumentado que ela é a leitura “mais difícil” – se a cláusula

fosse original, que crente ortodoxo sequer pensaria em removê-la? Por outro lado, se a cláusula não constasse do original, poderia constituir uma piedosa adição que imediatamente se tornaria popular. No entanto, não apenas os gnósticos dominaram a Igreja cristã do Egito no segundo século: ao redor também haviam outros que não criam que Jesus era Deus – iriam eles resistir ao impulso de retirar tal declaração? Como escolheremos entre estas duas hipóteses? Não será com base nas nossas pressuposições? Na verdade, ao discutir este conjunto de variantes, juntamente com as outras “não-interpolações ocidentais” de Hort, Metzger explica (pag. 193) que uma minoria da Comissão da NU argumentou que “há discernível nestas passagens uma motivação teológica Cristocêntrica que explica como elas foram adicionadas, enquanto não há nenhuma razão clara que explique porque elas teriam sido omitidas.” (Teriam os editores nunca ouvido falar dos gnósticos?)

### **Por que Usar Cânones Subjetivos?**

É claro que os quatro cânones acima mencionados dependem pesadamente do julgamento subjetivo do crítico. Mas por que usar tais cânones? Por que não seguir a evidência dos manuscritos? É comumente argumentado que os manuscritos sobreviventes não são representativos da situação textual nos primeiros séculos da Igreja. A destruição oficial de MSS por Diocleciano (300 DC), e outros caprichos da História, teriam dizimado o suprimento de MSS ao ponto da transmissão ter sido totalmente distorcida – daí, não podemos estar certos de nada. (Tal argumento não apenas “justifica” o procedimento eclético, ele é usado para reivindicar sua “necessidade”.) Mas a eficiência da campanha Diocleciana não foi a mesma em regiões diferentes. Ainda mais relevante à questão são as implicações do movimento Donatista que surgiu logo depois da campanha Diocleciana passar. Em parte, se baseou na punição merecida por aqueles que entregaram seus MSS para serem destruídos. Evidentemente alguns **não** entregaram seus MSS, ou não teria havido ninguém para julgar os outros. Ademais, aqueles cuja dedicação a Cristo e a Sua Palavra foram tais que não se intimidaram com a tortura, seriam exatamente o tipo que seria o mais cheio de cuidados a respeito da pureza e genealogia dos seus MSS. Assim, no principal, foram provavelmente os exemplares mais puros que sobreviveram, e deles deriva a principal corrente da transmissão do N.T.

Uma vez que a forma do texto bizantino (Majoritário) domina acima de 90% dos MSS sobreviventes, aqueles que querem rejeitá-la não podem conceder a possibilidade que a transmissão do texto foi normal, em sentido algum. (Se o foi, então o consenso tem que refletir o texto original, especialmente um consenso tão massivo.) Assim, é argumentado que houve fraude nas urnas, que o texto bizantino foi imposto por autoridade eclesiástica, mas somente depois que ele foi “bolado” a partir de outros textos, no princípio do século IV. Mas simplesmente não há evidência histórica alguma para esta idéia! Ademais, numerosos estudos têm demonstrado que a massa de MSS bizantinos não é monolítica; há muitos fios distintos ou linhagens de transmissão, presumivelmente independentes. Que pelo menos algumas destas linhagens têm que retroceder até o século III (se não antes) é demonstrado pelo Códice Aleph em Apocalipse, onde ele conflua algumas dessas linhagens. Asterius (morto em 341 DC) usou MSS que eram claramente bizantinos – presumivelmente a maioria dos seus escritos não foi feita do seu leito de morte, assim os MSS viriam do século III. Há mais linhas de evidência que militam contra a posição eclética, inclusive a própria natureza das suas regras canônicas.

“A redação mais curta seja a preferida.” Por que? Porque, dizem, os escribas tinham uma tendência a adicionar coisinhas e pedacinhos ao texto. Mas isto teria que ser uma atividade deliberada. É demonstrável que a perda acidental da posição [de leitura] resulta muito mais em omissões que em adições – praticamente a única maneira de adicionar acidentalmente é copiar um trecho duas vezes, mas o copista teria que estar realmente tonto de sono para não se apanhar [e corrigir]. Assim, sempre que uma leitura mais curta possa ser o resultado de parablepse, ela deve ser vista com suspeita. Mas mesmo quando deliberadas, a omissão ainda deve ser mais freqüente que a adição. Se há alguma coisa no texto que você não gosta, ela lhe chama a atenção e você é tentado a fazer algo para resolver o problema. Também, mais imaginação e esforço são exigidos para criar material novo do que para suprimir o que já está lá (material sugerido por uma passagem paralela poderia ser uma exceção). Ademais, é demonstrável que a maioria dos escribas era cuidadosa e consciente, evitando enganos mesmo não intencionais. Aqueles que se engajaram em atividade editorial deliberada foram realmente poucos, mas alguns foram ofensores flagrantes (como Aleph, em Apocalipse).

“A leitura mais difícil seja a preferida.” Por que? A suposição é que uma dificuldade percebida motivaria um copista mais audacioso a tentar “remediá-la”. Notar que qualquer alteração tal tem que ser deliberada; assim, se uma redação “mais difícil” poderia ter advindo de omissão acidental (por exemplo) então este cânnon não deve ser usado. Mas no caso de uma presumida alteração deliberada, como podemos realmente atribuir graus de “dificuldade”? Não sabemos quem a fez, nem por que. A devida margem tem que ser dada para possível ignorância, excesso de zelo audacioso, preconceito e

maldade. De fato, este cânon é desarrazoado “na cara” – quanto mais estúpida uma redação for, quer por acidente ou por ação deliberada, mais forte será sua reivindicação de ser “original”, uma vez que será certamente a “mais difícil”. Não é necessário um profeta para ver que esta regra canônica é escancaradamente aberta à manipulação satânica, tanto na antiga criação das variantes como na avaliação contemporânea delas. Mas em todo caso, desde que é demonstrável que a maioria dos copistas não fez mudanças deliberadas, onde há concordância massiva entre os MSS sobreviventes este cânon não deve sequer ser considerado. Na verdade, onde há concordância massiva entre os MSS nenhum dos cânones subjetivos deve ser usado – eles são desnecessários e inapropriados. Das 6000+ diferenças entre o texto da NU e o Texto Majoritário, a enorme maioria das redações preferidas pelos editores da NU tem atestação insignificante por MSS.

### ***O Mito da Neutralidade***

Precisamos sepultar o mito da neutralidade e objetividade dos estudiosos. Quem quer que tenha estado dentro da comunidade acadêmica sabe que ela é liberalmente semeada com preconceitos, linhas partidárias, ambição pessoal e maldade – sem falarmos de um ódio à Verdade.<sup>1</sup> Nunca devemos acreditar cegamente na neutralidade e objetividade do outro, e principalmente quando se lida com a Verdade de Deus – porque nesta área nem Deus nem Satanás permitirá neutralidade. Em Mateus 12.30 o Senhor Jesus disse: “Quem não é comigo é contra mim; e quem comigo não ajunta, espalha.” Deus declara que neutralidade é impossível; ou você é por Ele ou você é contra Ele. Jesus afirma ser Deus. Ante tal reivindicação temos somente duas opções, aceitá-Lo ou rejeitá-Lo como Deus. (“Agnosticismo” é realmente uma rejeição passiva.) A Bíblia afirma ser a Palavra de Deus. Novamente, nossas opções não são senão duas. Segue-se que, quando lidamos com o texto da Escritura, neutralidade é impossível. A Bíblia é clara a respeito de interferência satânica nas mentes dos seres humanos, e mais especialmente quando eles estão considerando a Verdade de Deus. 2 Coríntios 4.4 declara claramente que o deus deste século/mundo cega as mentes dos incrédulos quando eles são confrontados com o Evangelho. O Senhor Jesus disse a mesma coisa quando explicou a parábola do semeador. “... mas, tendo-a eles ouvido, vem logo Satanás e tira a palavra que foi semeada nos seus corações.” (Marcos 4.15; Lucas 8.12).

Ademais, há uma influência satânica generalizada sobre toda a cultura humana. 1João 5.19 declara que “todo o mundo jaz no maligno.” O quadro é claramente um de forte influência, se não de controle—as Bíblias NASB, RSV, NEB e “Jerusalém” traduzem como “no poder do,” TEV como “sob o domínio do,” NIV como “sob o controle do,” NKJV como “sob a influência do.” Toda a cultura humana está sob influência satânica generalizada, inclusive a cultura da comunidade acadêmica. Efésios 2.2 é ainda mais preciso: “Em que noutro tempo andastes segundo o curso deste mundo, segundo o princípio da potestade do ar, do espírito que agora opera nos filhos da desobediência.” Satanás opera ativamente na mente de quem quer que rejeite a autoridade de Deus sobre si. Materialismo tem se infiltrado na Igreja na Europa e na América do Norte, a tal ponto que o que a Bíblia diz neste assunto [ingerência satânica] tem sido amplamente ignorado. Mas eu coloco que se alguém, que afirma crer na Palavra de Deus, aceitar uma edição da Bíblia preparada com base em premissas racionalistas, estará realmente esquecendo o ensino dessa Palavra.

Interpretação é preeminentemente uma questão de sabedoria. Um crítico textual naturalista pode ter um razoável contato com a evidência relevante, pode ter conhecimento dos fatos, mas isto de modo algum implica que sabe o que fazer com esses fatos e evidências. Se “o temor do SENHOR é o **princípio** da sabedoria” (Prov. 9.10), então, presumivelmente, o descrente não terá nenhuma, ao menos sob o ponto de vista de Deus. Quem quer que edite ou traduza o texto da Escritura precisa estar em condições espirituais tais que possa pedir ao Espírito Santo para iluminá-lo no seu trabalho, como também proteger sua mente das influências do inimigo.

Nos dias de Jesus haviam aqueles que “amavam mais a glória dos homens do que a glória de Deus” (João 12.43), e eles ainda estão conosco. Mas a “glória dos homens” custa um alto preço – você tem que aceitar o sistema de valores deles, um sistema de valores que sofre influência satânica direta. Aceitar o sistema de valores do mundo é basicamente um ato de traição contra o Rei Jesus, é um tipo de idolatria. Aqueles estudiosos conservadores que põem um alto valor em “reconhecimento acadêmico,” em serem reconhecidos pela “comunidade acadêmica,” etc., necessitam se perguntar a si

<sup>1</sup>Por “a Verdade” quero dizer o fato de um Criador moral e inteligente, Soberano sobre todos, a quem todo ser criado dará contas. Muitos estudiosos sacrificarão a evidência, sua própria integridade e outras pessoas, ao invés de encarar [e dobrar-se] à Verdade.

próprios quais são as pressuposições que jazem sob tal reconhecimento. Por favor observar que eu não estou desacreditando a educação e o saber legítimos – eu mesmo já coleí três graus de pós-graduação – mas sim estou desafiando os conservadores a se assegurarem que sua definição de erudição vem do Espírito Santo, não do mundo, que sua busca por reconhecimento é piedosa, não egoísta. Alimento uma ligeira desconfiança que, se isto fosse feito, então ocorreria uma mudança dramática no mundo cristão conservador com referência à prática da crítica textual do NT e à identificação do verdadeiro texto do NT.

## Conclusão

Para resumir, retorno à pergunta inicial: “Que diferença faz?” Não apenas temos a confusão causada por duas formas competidoras do texto grego, bastante diferentes, mas:

1. Uma delas (o Texto Eclético) incorpora erros e contradições que minam a doutrina da inspiração e virtualmente anulam a doutrina da inerrância [da Bíblia]; a outra (o Texto Majoritário) não o faz.
2. A primeira baseia-se em critérios subjetivos, aplicados por críticos naturalistas; a segunda baseia-se no consenso da tradição dos manuscritos através dos séculos.

Uma vez que as igrejas e escolas evangélicas conservadoras têm geralmente abraçado a teoria (e, portanto, as pressuposições) em que se baseia o Texto Eclético (UBS<sup>3</sup>/Nestle<sup>26</sup>),<sup>1</sup> tem havido uma contínua hemorragia ou defecção dentro do campo evangélico com referência às doutrinas da inspiração e (particularmente) da inerrância da Bíblia. A autoridade das Escrituras tem sido solapada – ela não mais exige obediência imediata e sem perguntas. Como uma consequência natural, há um enfraquecimento generalizado da nossa dedicação básica a Cristo e Seu Reino. Pior ainda, através dos nossos missionários temos estado exportando tudo isto para as igrejas emergentes do “terceiro mundo.” Ai de nós!

Pois então, que faremos: levantar nossas mãos em desespero e desistir? De modo algum! “É melhor acender uma vela do que sentar e amaldiçoar a escuridão.” Com a ajuda de Deus, trabalhe-mos juntos para provocarmos uma reversão da situação. Trabalhe-mos para desfazer o dano. Temos que começar por conscientemente tentar assegurar que todas nossas pressuposições, nossas hipóteses de trabalho, são consistentes com a Palavra de Deus. Quando abordarmos a evidência (MSS gregos, citações patrísticas, antigas versões) com tais pressuposições teremos uma base acreditável e mesmo demonstrável para declarar e defender a divina preservação, a inspiração e a inerrância do texto do Novo Testamento. Poderemos novamente ter uma base compelidora para total dedicação a Deus e à Sua Palavra. O atual Texto Majoritário impresso (quer H-F, quer R-P) é uma bem acurada aproximação do Original, isenta dos erros de fato e das contradições acima discutidos. (Modéstia à parte, considero que o meu Texto grego se aproxima do Original ainda mais.)

---

<sup>1</sup> SBU<sup>4</sup> e N-A<sup>27</sup> trazem mudanças no aparato crítico, mas não no texto, de sorte que o texto ainda é o das edições anteriores.